

INFLUÊNCIA DOS FATORES PSICOLÓGICOS, DEMOGRÁFICOS E INTERPESSOAIS NO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE PÓS- GRADUANDOS SURDOS

André Luís Onório Coneglian*
Helen de Castro da Silva**

RESUMO

A produção do conhecimento realizada por docentes e discentes no âmbito da pós-graduação necessariamente se configura em comportamentos informacionais. Pautado no modelo de comportamento informacional de Tom Wilson mais recente, na análise de domínio, bem como no paradigma da inclusão e nos princípios da acessibilidade, este estudo buscou caracterizar e analisar o comportamento informacional de um grupo de pós-graduandos surdos sinalizadores, ou seja, que fazem uso da Língua Brasileira de Sinais. Este relato apresenta parte dos resultados desta pesquisa, enfocando a influência dos fatores psicológicos, demográficos e interpessoais previstos no modelo de comportamento informacional adotado. A metodologia incluiu a aplicação de um questionário, utilização da técnica de grupo focal, realização de entrevista com esse grupo de pós-graduandos e observação do meio acadêmico do qual fazem parte. Os resultados demonstram a necessidade da Ciência da Informação considerar a produção do conhecimento também realizada em língua de sinais, registradas em diferentes suportes a fim de que os usuários surdos possam ser contemplados em suas necessidades informacionais.

Palavras-chaves: modelo de comportamento informacional, variáveis intervenientes, pós-graduandos surdos, Tom Wilson

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da compilação de alguns capítulos da dissertação defendida em fevereiro de 2008 no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Marília-SP, sob o título *Análise do comportamento informacional de pós-graduandos surdos: subsídios teórico-práticos para a organização e representação do conhecimento* (CONEGLIAN, 2008).

Tendo como base o segundo modelo de comportamento informacional de Wilson e Walsh (1996), procurou-se caracterizar o comportamento informacional de um grupo de pós-graduandos surdos, levantando os subsídios teórico-práticos para o planejamento de serviços

* Faculdade de Filosofia e Ciência, da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília-SP, mestre em Ciência da Informação, andre.coneglian@gmail.com

** Professora do PPGCI da Faculdade de Filosofia e Ciência, da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília-SP, helenc@marilia.unesp.br

informacionais para surdos usuários da língua de sinais, que é conhecida no Brasil como LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais. Discutiu-se o conceito de inclusão e de acessibilidade e a capilaridade desses conceitos nos campos teóricos e práticos da biblioteconomia.

Desse modo, apresentamos algumas bases teóricas na qual se fundamentou a pesquisa, referente ao modelo de comportamento informacional de Wilson e Walsh (1996), documentos representativos da *International Federation Library Association – IFLA*, sobre acessibilidade e atendimento a usuários com deficiência, com foco na surdez.

2 A INFORMAÇÃO E O USUÁRIO COM DEFICIÊNCIA

Para o embasamento teórico da pesquisa realizou-se um levantamento bibliográfico incluindo livros, capítulos de livros, páginas *web* e artigos em língua portuguesa, espanhola e inglesa, de periódicos nacionais e internacionais, cujas publicações estão, em sua maioria, entre a década de 1990 e o ano de 2007, relacionados aos temas: comportamento informacional, formação acadêmica de surdos, inclusão e acessibilidade.

Sassaki (2005) discute a inclusão no mercado de trabalho, nos esportes, no turismo, no lazer e na recreação, nas artes, na cultura, na religião e na educação. Pode-se acrescentar também a questão dos transportes públicos (ônibus, trem, metrô, avião), por exemplo, para pessoas que utilizam cadeira de rodas ou outros aparelhos que auxiliam na locomoção, pessoas com mobilidade reduzida e precisam deslocar-se de suas casas até a escola, trabalho, teatro, cinema, biblioteca, utilizando transporte público.

Destaca-se o papel fundamental das bibliotecas, o modo como têm incorporado os conceitos de inclusão e acessibilidade e principalmente, o potencial que têm para serem multiplicadoras de práticas inclusivas, dando o exemplo, formando e informando seus usuários (com ou sem deficiências motoras, sensoriais e/ou cognitivas). Há extrema relevância e fecundidade na parceria entre as bibliotecas e as instituições nas quais estão vinculadas (escolas, faculdades, universidades, prefeituras etc.), com foco na formação e capacitação do público que atendem.

O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas (1994), por exemplo, diz que

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

A biblioteca pública pode e deve promover esse espaço livre e democrático de acesso à informação e ao conhecimento. O documento citado prevê o atendimento a usuários com necessidades especiais. Vejamos:

Serviços e materiais específicos devem ser postos à disposição dos utilizadores que, por qualquer razão, não possam usar os serviços e os materiais correntes, como por exemplo, minorias lingüísticas, pessoas deficientes, hospitalizadas ou reclusas.

O manifesto se refere aos bibliotecários como “[...] intermediários ativos entre os utilizadores e os recursos disponíveis”, e que “[...] a formação profissional contínua do bibliotecário é indispensável para assegurar serviços adequados” (IFLA, 1994).

O Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2002) faz referência ao Manifesto anterior (1994), por estarem ligadas “[...] às mais extensas redes de bibliotecas e de informação”. Cita a Declaração Universal dos Direitos Humanos, pois o acesso às coleções e aos serviços da biblioteca escolar não deve “[...] estar sujeitos a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais” (IFLA, 1994).

Um princípio relevante expresso no Manifesto da Biblioteca Escolar é o trabalho conjunto entre bibliotecários e professores; os mesmos “[...] influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação” (IFLA, 1999).

Para os alunos com necessidades especiais matriculados nas instituições educacionais e que deverão ser usuários da biblioteca escolar como os demais alunos, o Manifesto prevê que “[...] serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca” (IFLA, 1999).

Há outros documentos publicados pela IFLA para o atendimento a usuários com necessidades específicas:

1. *Guidelines for easy-to-read materials* (1997);
2. *Guidelines for libraries serving hospital patients and the elderly and disabled in long term care facilities* (2000);
3. *Guidelines for library services to deaf people* (2000);
4. *Guidelines for library services to persons with dyslexia* (2001);
5. *Libraries for the blind in the information age – guidelines for development* (2005);
6. *Access to libraries for persons with disabilities – checklist* (2005).

Dentre esses documentos destaca-se o *Access to libraries for persons with disabilities – checklist* e o *Guidelines for libraries services for deaf people*. O primeiro documento pontua elementos importantes quanto ao acesso ao prédio (estacionamento, portas de entrada, escadas, rampas, banheiros, elevadores, alarmes de segurança), como também dos móveis e materiais (balcão de empréstimo, de informação, estantes, mesas, computadores), lista formatos de mídias que propiciam maior acessibilidade às pessoas com deficiências visual, auditiva, física, mental, disléxicos e especificam de que modo providenciar informações para esses usuários, desde os materiais, serviços e programas oferecidos pela biblioteca.

O *Guidelines for libraries services for deaf people* (IFLA, 2000) prevê que as bibliotecas devem direcionar esforços planejados e específicos ao público com surdez, justamente pela dificuldade de leitura percebida em crianças que nasceram surdas ou perderam a audição na primeira infância. A tendência é que esse público não seja freqüentador da biblioteca e seus serviços, o que é justificado também, entre outras coisas, pela barreira comunicacional.

A IFLA sintetiza de maneira clara e objetiva as devidas adaptações e a criação de serviços para atender à comunidade surda local, abrangendo todos os tipos de bibliotecas: públicas, escolares, universitárias, bem como bibliotecas especializadas (governamentais, da Indústria e Comércio, Forças Armadas, Hospitais, etc.).

O documento relata que foi em 1988, na conferência proposta pela *State Library of New South Wales*, na Austrália, a primeira tentativa de elaboração de diretrizes internacionais para que as bibliotecas pudessem oferecer serviços adequados ao público com deficiência auditiva/surdez. O documento final foi publicado pela IFLA em 1992.

Desde então as mudanças tecnológicas, a participação efetiva da comunidade surda, o movimento mundial pela inclusão de pessoas com necessidades especiais e a conscientização das bibliotecas de sua dimensão e responsabilidade social, proporcionaram diversas ampliações em diretrizes existentes. O *Guidelines for libraries services for deaf people* ganhou uma segunda edição no ano de 2000.

Atitudes positivas frente às necessidades especiais das pessoas serão alcançadas quando os profissionais envolvidos com a formação colocarem em prática o que desenvolvem na teoria, seja qual for o nível ou a área do conhecimento. No entanto, pode-se questionar: até que ponto as pessoas estão dispostas a alterar processos ou práticas de exclusão?

3 O MODELO DE COMPORTAMENTO DE WILSON E WALSH (1996)

O segundo modelo de comportamento informacional de Tom Wilson e Christina Walsh (1996) levam em consideração o contexto da pessoa para a existência das necessidades informacionais. Wilson e Walsh (1996) elencam uma série de variáveis que podem interferir no comportamento informacional dos indivíduos: variável psicológica, demográfica, interpessoal, ambiental e as características da fonte. O modelo prevê também níveis de comportamento informacional como atenção e busca passiva, busca ativa e busca contínua, esquematizado graficamente conforme Figura 01.

Wilson e Walsh (1996) detalham cada item do modelo de comportamento informacional, como os “mecanismos de ativação”, os quais são fatores que influenciam a tomada de decisão dos sujeitos frente à necessidade informacional. Os mecanismos de ativação presentes no modelo são denominados de “teoria do estresse/esforço” (*stress/coping*) e de “teoria do risco/recompensa” (*risk/reward*). O primeiro diz respeito à relação que o sujeito estabelece com o seu meio quando certas situações extrapolam os recursos que dispõe, causando estresse. Em graus diferentes, necessidades informacionais podem ocasionar esse desconforto, impulsionando ou não o sujeito a esforçar-se para aliviar o desconforto (dependendo do grau e das consequências da escolha tomada).

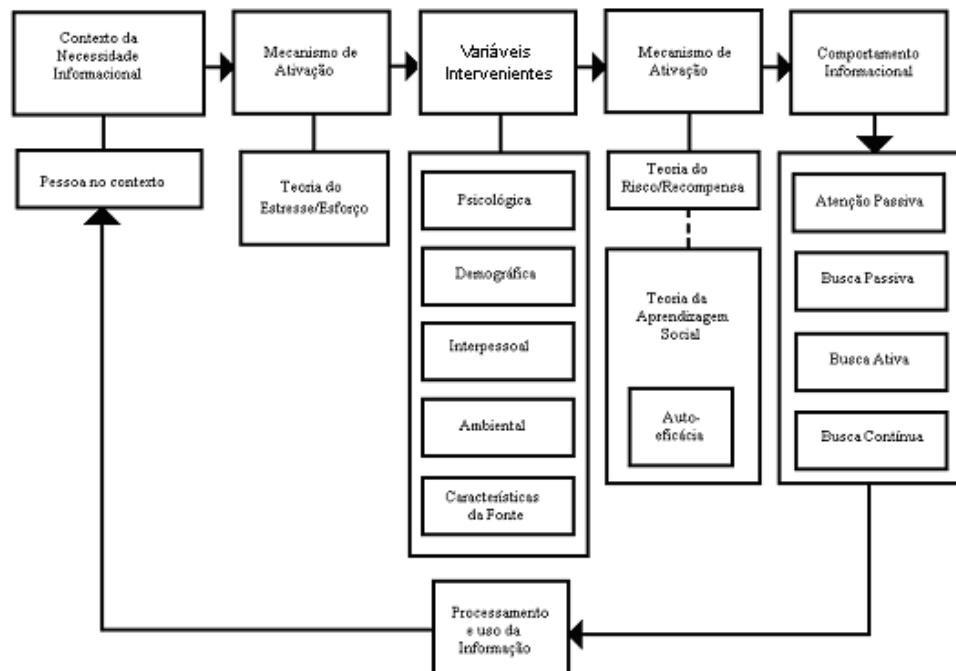


Figura 01: Modelo de Comportamento Informacional de Wilson e Walsh
Fonte: Wilson (1999, p. 257). [Tradução nossa do inglês].

Para a construção de seu segundo modelo Wilson e Walsh (1996) buscaram subsídios nas áreas da administração, psicologia, comunicação em saúde e pesquisa do consumidor; o autor do modelo elegeu algumas categorias denominando-as de “variáveis interferentes”, que são: psicológica, demográfica, interpessoal, ambiental e as características da fonte. “É o grau de conhecimento de uma variável interferente que determina se essa influencia de forma positiva ou negativa (favorece ou impede) o comportamento informacional”. (GARCIA, 2007, p. 89).

A respeito dos últimos componentes do modelo de comportamento informacional de Wilson e Walsh (1996), utilizando a análise de Garcia (2007, p. 92) diz que o autor “[...] reconhece que existem diferentes tipos de comportamento de busca de informação, como: a atenção passiva, a busca passiva, a busca ativa e a busca contínua. Estas diferenciações de modos de busca de informação são, no entanto, divididas entre a simples exposição à informação relevante e a busca ativa por informação (CASE, 2002)¹. Por fim, o processamento e uso da informação, no modelo, implica que a informação é avaliada no seu efeito sobre a necessidade, e que faz parte da realimentação (*feedback*) que pode iniciar todo o processo de busca novamente se a necessidade não for satisfeita (CASE, 2002).

O modelo de comportamento informacional de Wilson e Walsh (1996) permite verificar, por exemplo, como uma comunidade discursiva compromissada com a produção do conhecimento desenvolve suas pesquisas, desde o contexto da necessidade informacional, que é produzir dissertações, teses e outros trabalhos acadêmicos e quais os caminhos que percorre para lograr êxito em tais tarefas. Este também era o contexto no qual estava envolvido o grupo de pós-graduandos surdos participantes dessa pesquisa.

Sobre as características das fontes informacionais, Wilson e Walsh (1996) relacionam o acesso, a credibilidade e os canais de comunicação das mesmas. O acesso à informação é entendido como um meta-princípio (ou meta-valor) ético da existência da Ciência da Informação, da Biblioteconomia e do fazer profissional. É necessário recursos para tornar acessíveis variedades de fontes informacionais. A credibilidade das fontes também é uma questão ética, pois a difusão de informações equivocadas, ou o desvio de informações, quando detectadas pelos usuários, o farão desistir das mesmas, procurando por fontes confiáveis. Os canais de comunicação dizem respeito aos meios utilizados para divulgação das informações, o que depende das características do centro informacional e a que se destina.

¹ CASE, Donald O. *Looking for information: a survey of research on information seeking, needs, and behavior.* 2.ed. Amsterdam: Academic Press, 2002.

Sujeitos surdos que utilizam a língua de sinais como canal de comunicação, que pesquisam sobre língua de sinais e também sobre a educação de surdos tem a possibilidade de acessar, freqüentar, permanecer e concluir o ensino superior. A universidade e os programas de pós-graduação, como espaços propícios e privilegiados para a transmissão e produção do conhecimento estão se adequando e tornando-se acessíveis e inclusivos, permitindo assim a participação de grupos como dos surdos.

Para a Ciência da Informação, então, interessa saber como pesquisam, o que produzem e como suas produções devem ser tratadas para potencializar o uso, difusão e produção de mais conhecimento a respeito da língua de sinais e educação de surdos.

Conteúdos informacionais em língua portuguesa na modalidade escrita não são barreiras para a maior parte desse grupo de pós-graduandos surdos, o que os colocam como uma exceção frente a toda população de surdos sinalizadores, que possuem dificuldade na conclusão até mesmo dos Ensinos Fundamental e Médio.

Conteúdos informacionais em língua de sinais passaram a ser realidades presentes na internet, em diversos canais de comunicação e outros suportes informacionais, os quais são potencialmente acessíveis a toda essa população de surdos. Tais recursos disponíveis – a tecnologia, a internet, a produção de diversos materiais em língua de sinais, provavelmente mobilizou uma gama de surdos e ouvintes envolvidos com a temática – surdez, língua de sinais, possibilitando a participação efetiva dessa comunidade, configurando em um comportamento até então restrito a poucos privilegiados.

Desse modo, a investigação do comportamento informacional de pesquisadores surdos em formação configura-se numa excelente oportunidade para encontrar o caráter social da Ciência da Informação, alinhando seus conceitos e recursos práticos ao cotidiano e necessidades de uma comunidade usuária de informação específica, tal como esse grupo investigado.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Escolheu-se o grupo de pós-graduandos surdos do Grupo de Estudos Surdos (GES) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pois, realizadas pesquisas nas bases de dados da CAPES, não foram encontrados dados sobre os programas de pós-graduação que possuíam alunos regulares com alguma deficiência, em particular, a surdez. O conhecimento do pesquisador sobre a existência do GES e suas atividades ocorreu por meio de listas de discussões e grupos virtuais dos quais alguns dos membros do GES também tinham participação ativa.

Sete sujeitos fizeram parte da pesquisa, sendo seis do sexo feminino, os quais serão identificados de P1 a P7; todos são surdos e integrantes dos programas de pós-graduação em Educação e Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; participam do Grupo de Estudos Surdos (GES) na mesma universidade. Sobre a participação dos integrantes nas fases da coleta de dados, temos a seguinte configuração:

- 1^a fase (Questionário): nove pós-graduandos surdos identificados nos programas de Educação e Lingüística da UFSC, sete responderam ao questionário, cinco via e-mail (P1, P2, P3, P4 e P5) e dois pessoalmente (P6 e P7);
- Pré-teste para a 2^a fase (Roteiro de entrevista): foi respondido voluntariamente por P3, P4 e P5, via e-mail;
- 2^a fase (Grupo Focal): a data da visita ao grupo foi agendada por intermédio de um dos integrantes (P2), dos sete informantes da 1^a fase, apenas quatro participaram da 2^a fase, a saber: P2, P4, P6 e P7. Três participantes não estavam presentes na data de minha visita ao grupo em Florianópolis-SC, a saber: P1 (mora em Curitiba-PR, estava com problemas de saúde); P3 (representante da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS, no Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Portadora de Deficiência – CONADE, estava em Brasília) e P5 (única integrante do grupo de participantes da pesquisa sem bolsa de auxílio à pesquisa; tem vínculo empregatício). A visita ocorreu nos dias 19 e 20 de junho de 2007; infelizmente, no dia 18 de junho de 2007, a maioria dos setores da Universidade Federal de Santa Catarina entrou em greve, o que inviabilizou a visita às bibliotecas do campus e ao laboratório de informática central.

Utilizou-se também dados da lista de discussão da qual P1 participa ativamente, pois participou apenas da primeira fase; no dia da coleta de dados *in locu*, P1 não estava presente por motivos de saúde.

Participantes	Questionário	Pré-teste	Entrevista Grupo Focal
P1	▲	-	-
P2	▲	-	■
P3	▲	▲	-
P4	▲	▲	■
P5	▲	▲	-
P6	■	-	■
P7	■	-	■

Quadro 1: Participação dos sujeitos nas fases de desenvolvimento da pesquisa

Legenda: ▲ respondidos por e-mail ■ aplicados pessoalmente

A coleta de dados foi dividida em duas etapas: a primeira realizada por meio da aplicação de questionário, objetivando a caracterização do grupo, graus e tipos de surdez, níveis e modalidades de comunicação e expressão, nível de proficiência em língua portuguesa e língua inglesa. O questionário foi distribuído via correio eletrônico para 10 (dez) integrantes surdos (nos níveis de mestrado e doutorado), dos quais sete foram respondidos (cinco via e-mail e dois pessoalmente); dois integrantes do GES não retornaram o e-mail e não foi possível encontrá-los pessoalmente e um outro aluno havia trancado sua matrícula.

Juntamente com o questionário de caracterização, foi enviado por correio eletrônico o roteiro de entrevista, para que os participantes tivessem noção do que seria solicitado pessoalmente na segunda etapa da pesquisa. As questões do roteiro buscavam identificar as necessidades e comportamentos informacionais dos pós-graduandos, com base em seus temas e objetos de pesquisa e as fontes e recursos informacionais que utilizam. Três participantes responderam voluntariamente e devolveram, além do questionário, o roteiro de entrevista, funcionando como pré-teste.

O pré-teste demonstrou não abranger todo o fenômeno investigado – o comportamento informacional dos pós-graduandos surdos. Desse modo, decidiu-se aplicar a entrevista pessoalmente e com todos os participantes juntos, por meio da técnica de Grupo Focal.

Segundo Chiara (2003, p. 105) “[...] os grupos de foco constituem uma maneira efetiva e relativamente fácil de obter dados sobre comportamento e experiência de um grupo em relação ao problema investigado a um baixo custo, comparada a outras técnicas e em um curto espaço de tempo”.

Gatti (2005) caracteriza a técnica de Grupo Focal como uma derivação “[...] das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social”. Deve-se eleger alguns critérios para a seleção dos participantes dos grupos, “[...] conforme o problema em estudo, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo”.

Case (2002) considera que a técnica de Grupo Focal é, primordialmente, uma técnica qualitativa, pois os dados gerados “não são passíveis de análise estatística”, porém, Gatti (2005, p. 53) diz que

Sobre a questão de quantificar categorias, expressões, relatos de experiências, o importante é considerar o que realmente uma quantificação virá acrescentar à compreensão do problema em estudo, em face dos objetivos visados. Os resultados dessas quantificações devem, ainda, ser interpretados à luz do processo grupal e de suas características peculiares.

Normalmente, quando se utiliza essa técnica, existe a criação de vários grupos focais. Nesse caso não foi possível, pois conforme justificado acima, não encontrou-se outro grupo de pós-graduandos surdos.

A distância geográfica entre pesquisador (interior do Estado de São Paulo) e o grupo pesquisado (capital do Estado de Santa Catarina) foi uma dificuldade inicial, mas, a visita *in loco* permitiu direcionar as perguntas levando em consideração as peculiaridades do grupo.

A visita, que foi agendada e mediada por um integrante do grupo, durou dois dias, nos quais foi realizada a coleta de dados com foco no comportamento informacional dos participantes, considerando aspectos do contexto dos mesmos. Os encontros ocorreram nas dependências do GES, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; com a média de uma hora e meia cada.

A dinâmica do Grupo Focal consistiu na apresentação do pesquisador, dos objetivos da pesquisa, a importância da participação dos pós-graduandos e perguntas relativas ao dia a dia do grupo de estudo (GES), sobre as atividades individuais de cada participante, o que possibilitou coletar informações relevantes para delinear as características do comportamento informacional dos mesmos.

Após este processo de interação com os quatro integrantes e outros agentes (coordenadora do GES, tradutores-intérpretes, pós-graduandos ouvintes, docentes surdos e ouvintes), foi elaborado um relatório de observação. Todo processo de interação com os quatro sujeitos surdos ocorreu em Língua Brasileira de Sinais, inclusive com a coordenadora do GES e outra docente, também surdas.

Com relação à modalidade de comunicação, cinco informantes se comunicam por meio da sinalização em LIBRAS, e também por Português escrito; dois participantes responderam que utilizam apenas a sinalização para comunicação. Ressalta-se que essa questão diz respeito à língua mais utilizada pelos participantes para interação com as demais pessoas.

Na questão sobre a fluência na leitura da língua portuguesa, todos os participantes declararam ler bem, resultado que está de acordo com o esperado, pois, ainda que usuários da LIBRAS, para expressão e interação pessoal, a fluência na leitura do Português provavelmente foi preponderante para o avanço na formação acadêmica.

Com relação à língua estrangeira, dois participantes disseram ler bem o inglês, três disseram que lêem com dificuldades e dois declararam não ter domínio. O processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC exige a proficiência em língua estrangeira. Além do inglês, aceita também o francês, o italiano, o alemão e o espanhol.

Porém, conforme a coordenadora do PPGE, para os candidatos do mestrado surdos, o exame de proficiência é realizado em língua portuguesa, acatando o pedido de docentes da linha de pesquisa Educação e Processos Inclusivos.

Os participantes são formados em três áreas diferentes: Pedagogia, Biblioteconomia e Ciência da Computação. O Quadro 02 demonstra o curso de graduação, ano de conclusão, o programa de pós-graduação ao qual pertencem os participantes e o tempo decorrido entre a conclusão da graduação e o ingresso na pós-graduação.

Participantes	Graduação Ano de Conclusão	Pós-graduação Início	Anos entre graduação e pós-graduação
P1	Pedagogia – 1999	Mestrado Educação – 2004 Doutorado Educação – 2006	5 anos
P2	Ciência da Computação – 2004	Mestrado Educação – 2006	2 anos
P3	Pedagogia – 1989	Mestrado Lingüística – 2007	18 anos
P4	Biblioteconomia e Documentação – 1981 Pedagogia – 1996	Doutorado Educação – 2004 Mestrado Lingüística – 2006	8 anos
P5	Pedagogia – 2006	Mestrado Educação – 2006	0 ano
P6	Pedagogia – 2000	Doutorado Educação – 2006	6 anos
P7	Pedagogia – 2006	Mestrado Educação – 2006	0 ano

Quadro 2: Relação entre a graduação e a pós-graduação dos participantes

Seis participantes são formados em Pedagogia e um em Ciência da Computação. Um dos participantes cursou também uma segunda graduação, tendo concluído primeiramente Biblioteconomia e Pedagogia. Apenas dois cursaram Pedagogia com a presença de tradutores-intérpretes, ambos estudaram na mesma instituição de ensino e se formaram no mesmo ano (2006). Os demais estudaram em classes regulares (Ensino Fundamental e Médio) e graduação sem os serviços do tradutor-intérprete. Um integrante explicou que, desde o primeiro ano da graduação requisitou a contratação desse profissional, por meio de processo judicial, diante da recusa da instituição. No entanto, a contratação ocorreu somente um mês antes do participante se formar (2000).

Entre a graduação e pós-graduação *strictu sensu*, alguns participantes cursaram especializações. São eles: P3 com especialização em “Metodologia de ensino superior”, concluída em 1993; P6 cursou a especialização “Psicopedagogia com ênfase em educação especial”, concluída em 2002, com tradução-interpretação em LIBRAS/Português em instituição de ensino diferente da que negou-lhe tradutor-intérprete na graduação em Pedagogia; P7 está cursando especialização em “Aspectos político-pedagógicos da educação de surdos” concomitantemente ao mestrado.

Os dados referentes à entrada na pós-graduação estão distribuídos da seguinte forma: seis participantes estão vinculados ao programa de pós-graduação em Educação e dois ao programa de Lingüística da UFSC; P4 passou direto para o doutorado em Educação em 2004; em 2005, ingressou também no mestrado em Lingüística, e, no momento em que os dados foram coletados, estava matriculado nos dois programas concomitantemente. Em 2004 mais dois surdos ingressaram no PPGE: P1 foi promovido para o doutorado, por ocasião da banca de qualificação de sua dissertação, em 2006. Três dos demais participantes ingressaram no mestrado e um no doutorado (PPGE), em 2006. P6 ingressou direto no doutorado. P3 foi o mais recente a ingressar na pós-graduação, em Lingüística, no início de 2007.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise do comportamento informacional dos pós-graduandos surdos foi realizada com base no modelo de comportamento de Wilson e Walsh (1996, conforme Figura 01). Neste trabalho, serão apresentados os resultados e a análise de três das cinco variáveis intervenientes deste modelo, a saber: psicológica, demográfica e interpessoal.

Variável psicológica:

Notoriamente essa variável está relacionada à surdez dos pós-graduandos, não como deficiência ou fator impeditivo, mas na concepção sócio-antropológica da surdez, como fenômeno lingüístico-cultural. Sujeitos que possuem a Língua Brasileira de Sinais como língua de interação e comunicação e a Língua Portuguesa na modalidade escrita também como meio de acesso à informação; existem participantes da pesquisa que também utilizam a Língua Portuguesa na modalidade oral, para interação, por meio da vocalização e leitura orofacial.

Desde a infância (ou época da surdez), o desenvolvimento psíquico-social (interpessoal e intrapessoal), e o desenvolvimento educacional foram e continuam sendo fortemente influenciados pela diferença da surdez. Existem outras variáveis que permitiram essa pequena parcela de surdos concluir o nível superior e prosseguirem na pós-graduação; fatores econômicos e relacionais da família (participação ativa dos pais), fatores educacionais (se estudaram em escolas públicas ou particulares), fatores clínico-terapêuticos para o desenvolvimento da língua oral-auditiva (clínicas privadas, aparelhos de amplificação sonora individual – AASI, com tecnologia mais avançada, manutenção e troca dos aparelhos, terapias e atendimentos do sistema único de saúde, AASI's doados) ou ainda, a garantia de um ambiente lingüístico-interativo seguro para o surdo, como é o caso de uma das participantes,

com histórico de surdez hereditária, na qual a língua de sinais era utilizada naturalmente no ambiente familiar. Fatores que se somam à própria característica individual frente às oportunidades ou caminhos trilhados ao longo de seu desenvolvimento pessoal.

Os fatores elencados acima, ainda que extremamente relevantes e determinantes, por exemplo, para a formação acadêmica do surdo, não fizeram parte dessa pesquisa. Partiu-se do princípio que, sendo surdos, todos eram alunos regulares de programas de pós-graduação *strictu sensu*.

Esta é uma porcentagem ínfima frente à grande população de surdos que concluem o ensino médio anualmente, ou às vezes nem o concluem, e ainda continuam na condição de semi-letrados ou analfabetos (em língua portuguesa).

Os pós-graduandos têm consciência da diferença da surdez; o discurso do grupo, era de afirmação dessa diferença, de posicionamento político frente à surdez.

Deve-se ponderar que a relação de poder ouvinte-surdo, principalmente nesses últimos anos do século XX e primeiros do século XXI, nos quais a língua de sinais tem seu *status* lingüístico reconhecido, concede-se aos surdos um direito até então inexistente: o direito de falar, o direito de expressar o que sentem, o direito de demonstrar como aprendem e como ensinam - a “fala” não está restrita ao uso da voz. Porém, o movimento de opressão tende ir de uma extremidade à outra, conforme a Teoria da Curvatura da Vara, no Brasil difundida pelas pesquisas de Demerval Saviani²; é preciso esclarecer que o radicalismo não está presente em todos os grupos que lutam por direitos e pelo reconhecimento de especificidades. Acredita-se que a produção de conhecimento sobre os surdos, sobre as línguas de sinais, principalmente com a participação deles, pode, paulatinamente proporcionar o desejável equilíbrio da curvatura na relação surdo-ouvinte.

Variável demográfica:

Além da idade e gênero, outros fatores podem estar relacionados a essa variável, como o tempo de formação, entre a graduação e a pós-graduação, por exemplo (ver Quadro 2). A título de exemplo, destaca-se o relato de P3, o qual se graduou em Pedagogia em 1989 (aproximadamente com 24/25 anos de idade), concluiu especialização em 1993 (28/29 anos) e ingressou na pós-graduação em Lingüística no início de 2007 (42 anos), com o tema

² SAVIANI, D. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33. ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.

“Apontamentos sociolinguísticos sobre os índios surdos no interior do Mato Grosso do Sul”³. Questionada sobre a motivação para prosseguir e entrar na pós-graduação, P3 respondeu: “[...] trajetória e sonho, marcas como metas e apoio de colegas **surdas e ouvintes**” [grifo nosso]. Na questão sobre como conseguiu o material bibliográfico para elaborar o projeto de dissertação/tese, P3 relatou em breves palavras a trajetória pessoal e profissional a que se referiu, ligada à surdez:

Sou professora da EaD [Educação à Distância] de Surdocegueira e Múltipla deficiência e atuo há 22 anos como professora de surdos e de ouvintes, bem como fui diretora surda de escola de surdos por sete anos em Campo Grande – MS. Venho de movimento político devido a família já estar atuando na educação de surdos por mais de 50 anos. Sempre tive acesso nos (sic) materiais na FENEIS onde sou vice presidente. [grifo nosso].

Os grifos assinalados nas respostas de P3 ressaltam que a diferenciação surdo-ouvinte está sempre presente; tal fato não deve ser entendido como negativo, mas está de acordo com a visão da surdez sócio-antropológica, que envolve processos de ensino e aprendizagens diferentes para surdos e ouvintes, nos quais línguas diferentes estão presentes e mais específico, a surdez dentro de uma determinada cultura indígena.

O “índio surdo” é o tema desenvolvido por P3, mulher, surda, atualmente com 42 anos de idade, futura mestre em lingüística, com histórico de envolvimento na luta política pela educação dos surdos (vice-presidente da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS, representante dos direitos do surdo no Conselho Nacional de Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência – CONADE).

P4, formada em Biblioteconomia (1981) e Pedagogia (1996), entrou direto no Doutorado em Educação em 2004 e logo em seguida no Mestrado em Lingüística em 2006. Questionada sobre a motivação para prosseguir e entrar na pós-graduação, respondeu: “Era meu sonho de modificar a visão de todos que tem em relação à educação dos/as Surdos/as (sic)”.

Para o comportamento informacional de pós-graduandos, o gênero parece não interferir (raro algumas exceções, dependendo do objeto de estudo, onde o gênero do pesquisador pode dificultar, por exemplo, a interação homem-mulher), porém, a idade, a experiência acadêmica e profissional podem influenciar no comportamento informacional:

³ Na Revista Nova Escola, ano XXII, n. 208, dez. 2007, p. 50-53, da Editora Abril, há uma reportagem sobre a educação de índios surdos: O fim do isolamento dos índios surdos, entre outros pesquisadores citam duas pós-graduandas da UFSC, P3, participante dessa pesquisa que é surda e outra ouvinte, envolvidas com a temática “índio surdo”.

lugares conhecidos e freqüentados, pessoas que podem servir de contato, de referência, facilitando o desenvolvimento da pesquisa.

Variável interpessoal:

Direta ou indiretamente o fluxo informacional envolve pessoas, ainda que mediadas por sistemas informacionais: pessoas arquitetam, constroem e administram os sistemas; pessoas usam informações e pessoas tratam a informação para alimentar sistemas de informações, tornando-as recuperáveis. Existem vários níveis de interação, que necessariamente perpassam pelos canais de comunicação. A língua (modalidade escrita ou expressiva) não é o único, mas um dos principais canais para o registro e circulação da informação. Outras linguagens também permitem a interação e a comunicação interpessoal (imagens em movimento, imagens fixas, esculturas) e as pessoas estão envolvidas, criando, interpretando, utilizando – língua, linguagens, produzindo conhecimento e informação.

P1 têm cinco anos de formada, também possui histórico de envolvimento na luta política na educação e movimentos sociais de surdos; é diretora regional da Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo – FENEIS, de Curitiba-PR; participou somente da primeira fase da coleta de dados, porém, parte de seu comportamento informacional foi levantado anteriormente à execução das coletas, por meio de listas de discussões e sites de relacionamento com temáticas sobre “Educação de Surdos”, “Línguas de Sinais”, da qual também o pesquisador participa; foram registrados 20 e-mails entre março de 2006 a maio de 2007, nos quais P1 compartilha informações e divulga livros, artigos e sites que utiliza em suas pesquisas. Alguns exemplos:

[...] leiam artigos inéditos sobre surdos que muitos autores conhecidos escreveram. Entram nesta revista eletrônica. Abraços, [P1]. Site da revista [...]. (correio eletrônico recebido em 06 jun. 2006).

Oi, pessoal / Li este livro e achei excelente! / Confiram: / “A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada” / Autor: Harlan Lane / Editora: Instituto Piaget, Portugal / Ano: 1997 / É livro caro, R\$ 63,00, porque é importado de Portugal, o autor é americano e este livro foi traduzido do original inglês para português. Este livro diz muitas “verdades” mascaradas sobre a comunidade surda. / Pode adquirir este livro através de internet, eles te enviam em três dias pelo sedex, vejam o site [...] / Boa leitura! / Abraços / [P1]. (correio eletrônico recebido em 10 jul. 2006).

Oi, pessoal! / lembra que dei sugestão deste livro na semana passada? [...] / a boa notícia é que tem a editora em Porto Alegre / pode entrar em contato com eles; / Instituto Piaget – Brasil / Rua Vitor Valpírio, 35 – Bairro

Anchieta / 90200-230 – Porto Alegre-RS – Brasil / Telefone: +55 (51) 3371-3383 / site [...] / boa leitura. (correio eletrônico recebido em 14 jul. 2006).

Oi, pessoal! / tem um site de história de surdos completo. Muito bom, confiram! / Site [...] / boa navegada!!! / Abraços / [P1]. (correio eletrônico recebido em 09 mar. 2007).

P1 dissemna diversos tipos de informações (livros, endereços de sites, artigos), sinal de que ela consulta e provavelmente faz uso deste conjunto de fontes; compartilha impressões de leitura, ou seja, vai além de apenas indicar as leituras; e ensina onde e como conseguir os materiais. O papel de líder na comunidade surda, a formação na pós-graduação como pesquisadora, provavelmente são fatores que levam P1 a desempenhar tal comportamento.

A interação interpessoal dos membros do GES da UFSC ocorre basicamente em Língua Brasileira de Sinais: discentes surdos e ouvintes que conhecem a LIBRAS, docentes surdos (são dois concursados), para os professores que não conhecem ou não dominam a língua de sinais, existe a intermediação dos tradutores-intérpretes, para que os discentes surdos possam freqüentar suas aulas e demais atividades. Segundo Carneiro et. al. (2006), a UFSC possuía 204 alunos com alguma necessidade especial, nos níveis de graduação e pós-graduação.

A UFSC tem contratado tradutores-intérpretes de LIBRAS/Português como professores substitutos; na época da visita estavam num total de sete profissionais, os quais acompanham todas as atividades relacionadas à pós-graduação como aulas, seminários, eventos, secretaria e outros lugares, caso necessitem.

Assim, o uso da língua de sinais pode restringir a interação interpessoal, por questão do desconhecimento das demais pessoas em relação a essa língua, porém, para os pós-graduandos surdos, as interações entre pesquisadores, as trocas de fontes de informações, de referenciais bibliográficos para o desenvolvimento de suas pesquisas, feitas por meio da língua de sinais, configura-se em um comportamento informacional, porém com as particularidades desse grupo.

Outro relato importante foi dado por P3, que é fluente em *American Sign Language – ASL* (língua de sinais dos surdos norte-americanos), por isso atuou como tradutora-intérprete da ASL para LIBRAS no *Theoritical Issues in Sign Language Research 9*, edição sediada na UFSC, de 06 a 09 de dezembro de 2006. P3 viajou aos Estados Unidos três vezes: 1989, 1994 e 2006. A última viagem foi em decorrência de um projeto apresentado à CAPES, recurso negado à primeira vez, porém, submetido novamente, foi aprovado, após prova de proficiência em língua inglesa escrita.

O fato de se constituírem como grupo, formado por surdos e ouvintes condescendentes da língua de sinais, envolvidos na produção de conhecimento, também é uma variável relevante na configuração do comportamento informacional, coletivo e individual. Entre outros encontros e reuniões, o GES realiza quinzenalmente um encontro de uma hora e meia, que denominam de “almoço acadêmico”, pois ocorre na hora do almoço, no qual um integrante apresenta o estágio em que se encontra sua pesquisa, as referências utilizadas, o instrumento para coleta de dados, a análise dos dados, pede sugestões, compartilha angústias do processo.

6 CONCLUSÃO

O movimento mundial em prol da inclusão em todas as esferas da sociedade proporcionou reflexos no pensamento e nas atitudes de instituições, de grupos e de indivíduos, principalmente a partir da década de 1990, com elaboração de diversos documentos entre diretrizes, declarações, leis, decretos e afins.

A participação de grupos na luta por direitos, inclusive da população com necessidades especiais, das pessoas com deficiências, coloca a questão da acessibilidade em evidência. É direito inerente ao ser humano e dever da sociedade oferecer, a todas as pessoas, meios para participar do cotidiano, eliminando barreiras de qualquer ordem, sejam as mais visíveis, como as arquitetônicas, adaptando materiais, instrumentos, modificando metodologias e processos, sejam barreiras mais subjetivas, como as atitudinais.

A dimensão social da Ciência da Informação, o caráter sócio-histórico de seu objeto de estudo, a importância de suas pesquisas para a chamada sociedade da informação contemplam as questões relacionadas à educação de surdos e possibilitam meios e recursos para que esta se desenvolva adequadamente.

A educação de surdos com base na filosofia bilíngüe, que reconhece e utiliza a língua de sinais como instrumento lingüístico, que ensina a língua oral-auditiva na modalidade escrita como segunda língua, pode proporcionar o avanço e conclusão de níveis acadêmicos mais altos, bem como a inserção desses indivíduos no fluxo da sociedade informacional.

Os valores éticos no âmbito da Ciência da Informação, os quais incluem o respeito a comunidades de usuários com singularidades como a dos surdos sinalizadores são parâmetros importantes para os pesquisadores e profissionais dessas áreas.

A produção de novos conhecimentos realizada em programas de pós-graduação e a presença de alunos surdos, cujas atividades acadêmico-científicas configuram-se em comportamentos informacionais, demonstrou a importância de considerar essas

especificidades para pensar serviços informacionais adequados e eficientes para surdos sinalizadores.

INFLUENCE OF PSYCHOLOGICAL, DEMOGRAPHIC AND INTERPERSONAL FACTORS IN INFORMATION BEHAVIOR OF DEAF POSTGRADUATE STUDENTS

ABSTRACT

Knowledge production achieved by faculty and students researchers in the postgraduate context is necessarily shaped in information behavior. Guided by the approach of domain analysis, inclusion paradigm and accessibility principles, this study sought to characterize and analyze the information behavior of deaf postgraduate students group that make use of Brazilian Sign Language . This report presents the results of this search. The methodology included a questionnaire, using focus group technique, and interviews done with this group, like too academic observation to which they belong. The results demonstrate the need for Information Science considers the production of knowledge also performed in sign language, recorded in different media so that deaf users can be covered in their informational needs.

Keywords: information behavior model, intervening variables, deaf postgraduate students, Tom Wilson

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, M. S. C. et. al. Inclusão de alunos com necessidades educativas especiais na UFSC. In: SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 6, 2007, Florianópolis, *Anais...* [Recurso eletrônico], Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em <http://www.sepex.ufsc.br/anais_6/index_fixo800600.html>.

CASE, D. O. **Looking for information:** a survey of research on information seeking, needs, and behavior. 2. ed. Amsterdam: Academic Press, 2002.

CHIARA, I. G. di. Grupo focal. In: VALENTIM, M. L. P. **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação.** São Paulo: Polis, 2005. p. 101-117.

CONEGLIAN, A. L. O. **Análise do comportamento informacional de pós-graduandos surdos:** subsídios teórico-práticos para a organização e representação do conhecimento. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

GARCIA, R. M. **Modelos de comportamento de busca de informação: contribuições para a Organização da Informação.** 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005. (Pesquisas em Educação).

INTERNATIONAL FEDERETAIION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**, 1994. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

INTERNATIONAL FEDERETAIION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**, 1999. Edição em língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguesebrasil.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 6. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

WILSON, T. D.; WALSH, C. **Information behaviour: an interdisciplinary perspective**. [London], 1996. (British Library Research and Innovation Report 10).

WILSON, T. D. **Models in information behavior research**. *Journal of Documentation*, v. 55, n. 3, p. 249-270, jun. 1999.